

## 74. Buscamos nossa própria medicina

Melissa Felício Batista

Olá, me chamo Melissa Felício Batista, tenho 19 anos, sou indígena do povo Palikur-Arukwayene e moro na Aldeia Kumenê. Eu estava na cidade quando tudo aconteceu, quando saiu a notícia de que surgiu essa doença. Toda minha família estava na cidade nesse tempo, pois era período de estudo, de aulas. Devido a esse problema de saúde pública que o mundo todo está enfrentando as escolas e instituições tiveram que parar as aulas, o que foi bom para minha família, assim pudemos voltar para nossa aldeia, apesar de saber que isso não ia evitar que pegássemos a COVID-19, cedo ou tarde o vírus iria chegar até nós, pelo fato de que nós, indígenas, também dependemos das mercadorias da cidade, de uma forma ou outra o vírus iria chegar.

No mês de maio as pessoas da Aldeia Kamuywa, aldeia vizinha, estavam em uma crise de gripe, os pacientes apresentavam sintomas da COVID-19. Alguns dias depois um agente de saúde indígena daqui da Aldeia Kumenê apresentou os mesmos sintomas, logo apareceram outras pessoas com os mesmos sintomas e isso foi se espalhando tão rapidamente que, em uma semana, a aldeia inteira estava com a doença, principalmente aqueles com mais idade.

E agora, o que fazer? Como ainda não tem vacina ou medicamentos para a COVID-19 buscamos nossa própria medicina para tratar nossos doentes, as pessoas que conheciam alguma erva, uma fruta ou uma planta que fosse boa para tratar dor de cabeça, febre e disenteria faziam e compartilhavam com os outros as receitas que ajudavam a amenizar os sintomas, receitas que apresentaram bons resultados na recuperação dos infectados pela COVID-19, graças a isso não tivemos muitas perdas dentro da comunidade.

Hoje muitos ainda estão em fase de recuperação e, graças aos remédios, isso está acontecendo de forma rápida. Dentro da minha família fui a primeira a contrair o vírus, sentindo apenas dor de cabeça, dores no corpo e febre, depois de mim foi minha cunhada e, em poucos dias, meu pai e meus dois irmãos apresentaram os mesmos sintomas. Nosso tratamento foi feito com alguns medicamentos farmacêuticos, como paracetamol, para ajudar a baixar a febre e o resto era só de plantas medicinais, assim, conseguimos nos curar do

coronavírus. Hoje, a única que ainda não foi infectada da minha família é minha mãe, de 42 anos. Mesmo sendo diabética e tendo cuidado de todos nós, ela não contraiu o vírus e agradeço muito a Deus por isso. Corremos risco ainda, mas acredito que conseguiremos passar por tudo isso, temos que continuar a seguir as regras de proteção e evitar o máximo possível uma nova contaminação.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil

31 de julho de 2020